



# Tendências e desafios da Política Externa de Bolsonaro: resgate do choque das civilizações, declínio da ordem liberal e rupturas internas

*Trends and challenges of Bolsonaro's Foreign Policy: rescuing the clash of civilizations, the decline of the liberal order and internal disruptions*

*Tendencias y desafíos de la política exterior de Bolsonaro: rescate del choque de civilizaciones, declive del orden liberal e rupturas internas*

Klei P. Medeiros<sup>1</sup>

Vinícius H. Vilas Boas<sup>2</sup>

Enrico M. Andrade<sup>3</sup>

DOI: 10.5752/P.1809-6182.2020v17n1p10

Recebido em: 15 de junho de 2019  
Aprovado em: 06 de outubro de 2019

## Resumo:

*Aqui propomos que o olhar externo de Bolsonaro, do chanceler e do incipiente movimento conservador brasileiro encontram eco em abordagens como a do “choque das civilizações”, de Huntington - que parece estar sendo resgatada e adaptada ao contexto da década de 2010. Isso soma-se à uma desconfiança da ordem liberal global e a tentativas de transformar o ethos e o funcionamento tradicional do Itamaraty.*

**Palavras-chave:** *Política Externa de Bolsonaro. Choque das Civilizações. Ordem liberal global.*

## Abstract:

*Here we propose that the external view of Bolsonaro, the chancellor and the incipient Brazilian conservative movement is echoed in approaches such as Huntington's “clash of civilizations” - which seems to be being rescued and adapted to the context of the 2010s. Added to this, there is a distrust of the global liberal order and attempts to transform the ethos and traditional functioning of the Ministry of Foreign Affairs.*

**Keywords:** *Bolsonaro Foreign Policy. Clash of Civilizations. Global liberal order.*

1 Professor de Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas), doutorando no Programa de Pós-Graduação San Tiago Dantas (Unesp-Unicamp-PUC-SP) e mestre em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-0241-7742>

2 Pesquisador do Grupo de Pesquisa das Potências Médias (GPPM-PUC-Minas), bolsista do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP-PUC-Minas) e graduando em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0003-4203-5546>

3 Pesquisador do Grupo de Pesquisa das Potências Médias (GPPM-PUC-Minas), bolsista do Fundo de Incentivo à Pesquisa (FIP-PUC-Minas) e graduando em Relações Internacionais na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Poços de Caldas, Minas Gerais, Brasil. ORCID ID: <https://orcid.org/0000-0002-1988-3398>

**Resumen:**

*Proponemos aquí que la mirada externa de Bolsonaro, del canciller y del incipiente movimiento conservador brasileño se hace eco en enfoques como el del “choque de civilizaciones”, de Huntington, que parece estar siendo rescatado y adaptado al contexto de los años 2010. A esto se agrega una desconfianza en el orden liberal global e intentos de transformar el ethos y el funcionamiento tradicional del Ministerio de Relaciones Exteriores.*

**Palabras clave:** *Política Exterior de Bolsonaro; Choque de civilizaciones; Orden liberal global.*

## Introdução

As primeiras medidas do Governo Bolsonaro no âmbito externo, como a viagem à Israel e aos Estados Unidos (EUA), bem como as mudanças no Itamaraty, levaram a uma discussão entre acadêmicos e *policymakers* a respeito da visão de mundo dos atuais formuladores da política exterior brasileira. Portanto, aqui se investiga a lógica por trás do pensamento conservador brasileiro como vinculada a uma ressignificação do “choque das civilizações” no pós-Guerra Fria, somado à recente discussão a respeito do suposto declínio da ordem internacional liberal. Ao mesmo tempo, as primeiras ações do governo Bolsonaro demonstram uma ruptura interna no pragmatismo e na racionalidade-burocrática, típicos da diplomacia brasileira e, conseqüentemente, um desafio no sentido de conferir coerência aos receptores internacionais e internos de tal política nos próximos anos.

Neste artigo, não defendemos que a abordagem do “choque das civilizações” é de fato uma boa fonte de explicação para as relações internacionais atuais, mas sim que é uma perspectiva que explica como o incipiente movimento conservador brasileiro enxerga o mundo. Incubada ao longo dos anos 2000, a explicação culturalista, religiosa e civilizacional é resgatada aos fins da década de 2010. Sua ressignificação e interpretação por parte dos to-

madores de decisão brasileiros são apresentadas aqui como estreitamente vinculadas ao debate recente sobre o fracasso da ordem liberal. Esta é acusada de não ter sido capaz de conter a multipolarização e a diversificação de um mundo cada vez menos ocidental.

## O conservadorismo dos anos 2010 e a ressignificação do choque das civilizações como interpretação do desafio multipolar

O mundo pós-Guerra Fria é marcado por uma tendência à multipolaridade sistêmica e a um questionamento da unipolaridade estadunidense. No nível da ordem internacional, se ao fim da Guerra Fria interpretava-se o momento como o “fim da história” e o triunfo do liberalismo internacional (FUKUYAMA, 1992), outras interpretações sugeriram mudanças identitárias e simbólicas, que direcionam a política global a uma reconfiguração conflitiva baseada em parâmetros culturais. Essa segunda interpretação, concebida por Samuel Huntington (1996), embora inicialmente concernente ao contexto dos anos 1990, permite compreender uma série de processos que se intensificam na segunda metade dos anos 2010.

Segundo Huntington (1996), no pós-Guerra Fria, o mundo é tanto multipolar quanto “multicivilizacional”. Neste contexto,

a política local se torna étnica e a política global se torna civilizacional, de modo que as distinções mais importantes entre as pessoas são culturais, tornando a cultura uma força tanto divisível quanto unificadora. As forças de integração no mundo geraram “contraforças” culturais e consciência civilizacional, incitando a produção de inimigos para reforçar diferenças identitárias, que crescem conforme a religião é revitalizada e relacionada a pautas políticas (HUNTINGTON, 1996).

Nos anos 1990 e 2000, a ideia de choque das civilizações se atrelava à cisão entre a civilização árabe-muçulmana e o mundo ocidental, sobretudo com a ascensão da temática do terrorismo e sua associação com a comunidade muçulmana. Na década de 2010, verifica-se, por parte do movimento conservador, um olhar mais atento e desconfiado sobre a ascensão chinesa e a sua conexão com a Rússia como ameaças ao mundo ocidental. Por outro lado, estudos sobre “mundo pós-ocidental” (ACHARYA; BUZAN, 2009; KUPCHAN, 2012; STUENKEL, 2016) se difundiram, em meio a uma crescente ascensão geoeconômica da Ásia e a uma disputa global pelo controle geopolítico sobre o Oriente Médio como área estratégica entre Europa, Rússia e China.

Mesmo que o movimento conservador tenha uma longa trajetória interna em alguns países, como nos Estados Unidos, o descontentamento com a crise econômica, após 2008, parece ter reforçado o movimento no sentido de culpar o “estrangeiro” e o mundo oriental por problemas que derivam, muitas vezes, de falhas governamentais internas. Esse processo interno envolve uma desconfiança da democracia em geral (CASTELLS, 2018), por um lado, e uma tentativa de inserir na política externa uma forma de ação que garanta a preservação

da cultura judaico-cristã e um enfrentamento mais incisivo em relação às diversas civilizações orientais, por outro. Se a globalização era vista como benéfica aos EUA e à Europa nos anos 1990, ao proporcionar difusão econômica e de *soft power* cultural para todas as regiões do globo, agora o movimento é inverso: a globalização e a abertura são vistas como ameaças aos seus antigos defensores, seja pela ascensão econômica de regiões periféricas e semi-periféricas, seja por proporcionar maior facilidade de influência de civilizações antes invisíveis.

Desse modo, a homogeneidade promovida pela globalização neoliberal nos anos 1990 passou a ser vista como culpada na década de 2010. A ascensão da extrema-direita em países como a Itália, Hungria, Polônia, Brasil e, mesmo nos Estados Unidos, tem explícito caráter cultural, uma vez que a defesa de “valores ocidentais” é discurso presente na retórica de líderes destes Estados. Interessante é notar que, segundo a definição de Huntington (1996), a civilização ocidental é composta apenas por Estados Unidos e Europa Ocidental, o que exclui o Brasil do grupo. Ainda assim, a defesa do Ocidente e da sociedade judaico-cristã é discurso recorrente na nova política externa brasileira.

Mas por que no Brasil essa discussão é só recuperada agora? Ao longo do século XX, o país evitou envolver-se nas disputas entre grandes e superpotências; mas, em momentos decisivos e, como um todo, esteve sempre atrelado à órbita de influência norte-americana e europeia. Com as políticas de Cooperação Sul-Sul e a aproximação com China, Índia e Rússia, sobretudo no âmbito dos BRICS, na década de 2000 e 2010, o movimento conservador brasileiro passou a enxergar a ascensão do Oriente como parte de um mesmo processo globalizante vinculado à permissividade com que a

estratégia liberal norte-americana concebeu o mundo no início do Pós-Guerra Fria. Portanto, os *policy-makers* atuais no Brasil vinculam a ascensão de novas regiões e civilizações, típicos da tendência multipolar, às falhas da lógica da ordem liberal concebida nos anos 1990.

### **O declínio da ordem internacional liberal visto como esperança para reerguer o Ocidente**

A ideia de ordem liberal considera a possibilidade de interdependência e múltiplas influências culturais e civilizacionais. Portanto, passou a ser associada, por movimentos conservadores, ao declínio do Ocidente. Ordem é uma amálgama de instituições internacionais que ajudam na governança das interações entre os Estados que fazem parte dela. No caso específico da ordem internacional liberal, essas instituições são pautadas nas regras e valores liberais, como a promoção do livre comércio, da democracia liberal, do multilateralismo e da defesa dos direitos humanos (MEARSHEIMER, 2018).

Ikenberry (2018) afirma que essa ordem está em crise, agravada pela eleição de Trump, primeiro presidente estadunidense desde a década de 1930 que é ativamente hostil à ordem internacional liberal. Os Estados Unidos, desde o fim da bipolaridade, moldava e expandia a ordem internacional liberal de acordo com seus interesses. Porém, desde 2017, o principal patrocinador da ordem não se mostra mais capaz e disposto a administrá-la. O atual presidente norte-americano já fez declarações que vão na contramão do internacionalismo liberal em relação a comércio, multilateralismo, meio-ambiente, direito internacional, tortura e direitos humanos (IKENBERRY, 2018). Tam-

bém, nesse contexto, verifica-se o declínio da democracia liberal, motivado pela desconfiança da população em relação às instituições que a governam. Essa ruptura entre governantes e governados leva à deslegitimação da representação política, que culmina na ascensão de lideranças que se autodeclaram *anti-establishment*, fazendo posteriormente a população aceitar um “autoritarismo *soft*” (CASTELLS, 2018).

Por conseguinte, o conservadorismo emergente argumenta ter a intenção de proteger o Ocidente de seu declínio, uma vez que a ordem internacional liberal não teria sido capaz de cumprir essa tarefa: por seu caráter de defesa dos direitos humanos de maneira mais ampla, e a pautas mais específicas, como defesa dos direitos dos refugiados e da comunidade LGBTQ+, o liberalismo globalizado é culpado pela “crise moral” que o Ocidente vive. Também o livre-comércio e o multilateralismo, outros importantes princípios da ordem liberal, são responsabilizados pelas crises econômicas e migratórias da década de 2000 e 2010 (ARAÚJO, 2019).

Visto isso, enquanto o choque das civilizações fornece a matriz civilizacional, cultural e religiosa para o movimento conservador interpretar o mundo atual, a ordem liberal é posta como prejudicial por estimular o declínio do Ocidente e permitir a ascensão de novas regiões e civilizações, mudanças que geralmente são interpretadas no *mainstream* acadêmico como a passagem da unipolaridade para a multipolaridade - em termos apenas de distribuição de capacidades. Uma boa parte do *mainstream* acadêmico não confere contornos subjetivos e identitários para essa narrativa sistêmica. A diferença existe, portanto, mais no modo de contar a história e nos métodos imaginados para conter potências desafiantes, algo já visto no contexto da Guerra Fria, por exemplo.

## **Conservadorismo à la brasileira: Bolsonaro, as rupturas no Itamaraty, o dogmatismo e a moralidade**

A administração de Bolsonaro, apesar das promessas de campanha de uma “desideologização” das políticas doméstica e externa<sup>4</sup>, amarra um discurso conservador, ocidentalista e cristão ao interesse de aproximação com os EUA e Israel, na esperança de obter ganhos com esses alinhamentos, bem como conformar um bloco de resistência à emergência do mundo árabe-muçulmano e chinês, vistos como estranhos e ameaças à verdadeira “alma brasileira”.

Mesmo que tais tendências pudessem ser imaginadas antes da posse, os primeiros meses de Bolsonaro demonstraram uma série de rupturas na política externa, embora com uma tentativa frequente de amenizar tais transformações. Um dos primeiros marcos para a política externa foi o discurso do presidente no Fórum Econômico de Davos. Ali, diante de uma plateia composta pela elite econômica mundial e interessados em liberalização, Bolsonaro suavizou seu discurso mais radical, que tradicionalmente é usado para agradar o público brasileiro. Esse fato demonstrou, primeiro, que não houve um choque do público interessado em economia e, segundo que, mesmo sendo conservador, o presidente se propõe a um projeto neoliberal no nível econômico (EM SEU

DISCURSO..., 2019). Talvez essa seja uma das marcas desse conservadorismo à *la brasileira*, pois une uma dimensão moralizante com um projeto econômico neoliberal, diferentemente de outros grupos de extrema-direita que tomaram poder e têm apostado na proteção do mercado nacional, como é o caso de Trump.

Na visita aos EUA, o tom eufórico do presidente e de sua comitiva foi acompanhado de diversas concessões por parte de Brasília à Washington, como a permissão do uso da Base de Alcântara para lançamento de foguetes e satélites, a facilitação no visto de entrada destes no Brasil e a intenção de avaliar a saída do Brasil da lista de países em desenvolvimento com tratamento preferencial na Organização Mundial do Comércio (OMC) (OLIVEIRA, 2019). Em troca, foram diversas promessas por parte dos EUA: a promessa de apoio à entrada do Brasil na Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) e a promessa de tratamento preferencial ao Brasil como aliado extra-Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN) (MARS; GORTÁZAR, 2019) - algo que sequer fora mencionado na cúpula posterior da OTAN em que os EUA participaram (BULLA, 2019). Essa visita apontou, pois, para a tendência à recuperação do chamado “americanismo ideológico” na política externa brasileira (SOARES DE LIMA; ALBUQUERQUE, 2019).

Na visita a Israel, também marcada por contornos religiosos e ideológicos, o presidente brasileiro foi incapaz de concretizar uma de suas principais promessas de campanha— a mudança da embaixada de Tel-Aviv para Jerusalém —, frustrando Netanyahu, Trump, e boa parte do eleitorado evangélico de Bolsonaro. A abertura de um escritório comercial em Jerusalém foi a solução encontrada para cumprir parcialmente a promessa, medida que não agradou nenhum

---

4 “Países, que buscaram se aproximar mas foram preteridos por razões ideológicas, têm muito a oferecer ao Brasil, em termos de comércio, ciência, tecnologia, inovação, educação e cultura” (TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL, 2018). “O Brasil voltará a ser um país livre de amarras ideológicas [...] Precisamos criar um círculo virtuoso para a economia que traga a confiança necessária para permitir abrir nossos mercados para o comércio internacional, estimulando a competição, a produtividade e a eficácia, sem o viés ideológico” (BOLSONARO, 2019).

dos lados (STUENKEL, 2019a). Além disso, a tensão criada pela intenção de mudança da embaixada pode prejudicar a exportação de carnes para os países árabes (CARNEIRO, 2019).

O contorno estratégico seria a intenção de buscar em Israel apoio à modernização tecnológica do país, tanto na área militar quanto na importação de sistemas de irrigação para auxiliar a agricultura nordestina (PARCERIA..., 2018). No nível religioso, a visita simboliza a preservação da civilização judaico-cristã, atrelada à crença da Frente Parlamentar Evangélica brasileira de que Jerusalém será o palco do apocalipse e de que a conversão dos judeus ao cristianismo é um precedente do retorno de Cristo à Terra (DUCHIADE, 2019).

Em maio de 2019, enquanto o chanceler brasileiro Ernesto Araújo realizou visitas a países de governos conservadores na Europa (EM VIAGEM..., 2019; APÓS..., 2019a), o vice-presidente General Mourão realizou visita à China, onde Xi Jinping reforçou o discurso de que seu país está interessado no desenvolvimento do Brasil (XI..., 2019). O vice foi incumbido desde o início a coordenar as relações com os BRICS, sobretudo China e Rússia (SCHUQUEL, 2019). Isso demonstra que diferentes atores-chave no governo realizam tarefas diplomáticas distintas, evidenciando contradição e falta de coerência, sobretudo entre dois eixos: Paulo Guedes (Ministro da Economia) e Gen. Mourão, em uma linha mais vinculada à tradicional ordem liberal (chamada pelos conservadores de “globalista”<sup>5</sup>) e o presidente e o

chanceler adotando discursos mais alinhados à postura “anti-globalista” (STUENKEL, 2019b). Verifica-se, pois, dentro da gestão do Itamaraty, a presença do dogmatismo contornando o pragmatismo e da moralidade tentando se impor sobre a tradicional racionalidade burocrática (ALLISON, 1969; FIGUEIRA, 2011) do órgão.

No âmbito sul-americano, destacaram-se a visita à Argentina, marcada por apoio velado à reeleição do presidente de centro-direita Mauricio Macri (APÓS..., 2019b). O discurso da equipe econômica brasileira oscilou entre aprofundar o Mercosul, inclusive cogitando a adoção de uma moeda comum (IDEIA..., 2019) e, por outro lado, após resultados parciais que apontaram vitória da oposição à Macri na Argentina, ameaças do Brasil abandonar o Mercosul (O JOGO..., 2019). Também, nesse contexto, chegou-se ao acordo comercial Mercosul-União Europeia, que ainda necessita ratificação e aceitação de países europeus. O acordo viu-se ameaçado pela discordância de países europeus, como a França, em relação à política ambiental brasileira na Amazônia e o aumento no número de queimadas (MACRON..., 2019). Além disso, o *agrobusiness* brasileiro tradicionalmente tem interesse na expansão de negócios através de uma política ambiental mais frouxa, o que permitiria a esse setor ter mais vantagens comerciais em relação à produção agrícola europeia.

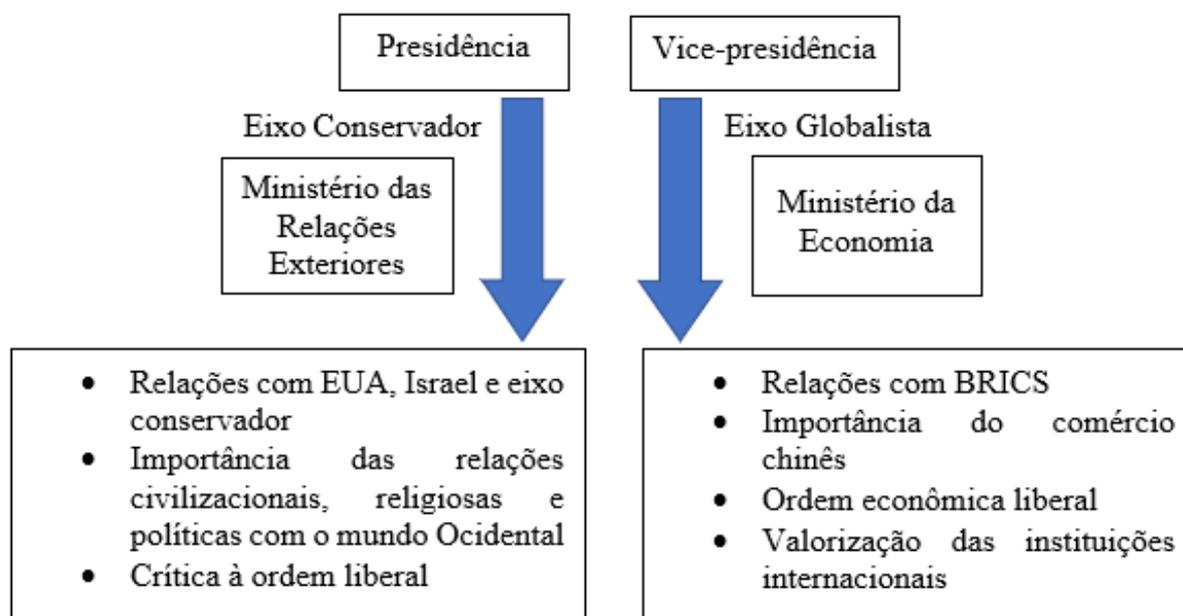
O discurso de Bolsonaro na abertura da Assembleia Geral da ONU de 2019 representou, em meio à atenção da opinião pública internacional voltada para a Amazônia e para o Brasil, que o governo não tem interesse em levar em conta posições estrangeiras sobre a preservação ambiental no país. Pelo contrário, o discurso reforçou o viés conservador da política externa em consonância com movimen-

5 O termo “globalismo” é tradicionalmente pouco utilizado na área de Relações Internacionais e, recentemente, passou a ser difundido entre grupos específicos, com fins político-partidários, interessados na rejeição dos regimes internacionais e do multilateralismo. Mesmo que ainda falte consistência e discussão teórica sobre o termo, aqui utiliza-se apenas para ilustrar a dicotomia e a contradição dentro do Itamaraty comandado por Ernesto Araújo.

tos semelhantes a nível global (GUIMÓN, 2019). Ademais, percebeu-se o tom anti-europeu (com acusações de “colonialismo”) e críticas a Cuba, à Venezuela e ao marxismo (SANCHES, 2019). A contradição principal reside no fato de que o agronegócio é um dos principais eixos de apoio ao governo Bolsonaro, mas compete com a União Europeia e

fornece alimentos em massa para a China. Os EUA, por outro lado, tem comércio concorrente com o Brasil, e não complementar (LIVRE..., 2019). A dificuldade de agregar nas relações externas os interesses econômicos e os ideológicos em uma lógica coerente traz imprevisibilidade para os receptores estrangeiros da política externa brasileira.

Figura 1 – Quadro sintético das tendências e contradições na política externa de Bolsonaro



Fonte: elaborado pelos autores (2019)

## Conclusões: tendências e desafios

O suposto atrito civilizacional se tornou uma forma de interpretar a realidade pós-Guerra Fria por parte de grupos conservadores, acrescentando uma narrativa de disputa que supera a lógica geopolítica e geoeconômica e aposta na ideia de uma espécie de Nova Guerra Fria Multipolar. A política externa brasileira de Bolsonaro dialoga, portanto, internacionalmente, com uma tendência conservadora e religiosa-civilizacional. Essa interpretação de mundo é respaldada também pelo movimento conservador (sobretudo o norte-ameri-

cano), pela própria política externa de Trump e, academicamente, por abordagens como a do “choque das civilizações”, de Huntington. Mais do que isso, a lógica do choque das civilizações se mescla com a discussão sobre a ineficiência da ordem internacional liberal em dar conta das transformações que ameaçam o mundo ocidental. Ascendem, nesse sentido, interpretações de que a aposta na globalização e no liberalismo, nos anos 1990 e 2000, foram estratégias inadequadas para lidar com a ascensão do mundo oriental (China, Rússia e mesmo Oriente Médio) e, agora, seria necessário adotar uma postura mais dura e conservadora em relação às regiões emergentes.

O Brasil, por sua vez, se agarra a essa nova interpretação de mundo. Entretanto, o fato de serem poucos (ao menos por enquanto) os países que enxergam as relações internacionais dessa forma pode resultar em isolamento e incompreensão no âmbito global. Também isto leva o país a usar como bengala o governo Donald Trump, o que pode ser um risco, dada a necessidade de diversificação em um mundo complexo. No nível interno, a substituição do pragmatismo pelo dogmatismo, e da racionalidade burocrática por um senso de moralidade, implica também em resistências no Itamaraty, em alguns setores do governo (como economia e setor militar) e na própria sociedade civil, dificultando sua implementação. Ao fim e ao cabo, o movimento conservador brasileiro ainda precisa amadurecer e desenvolver sua própria auto-imagem, respondendo de uma maneira coerente qual é o papel do país em termos culturais globais e a função que exerceu e exerce em relação à multipolarização do globo e à emergência de múltiplas civilizações. Como país multirreligioso e multirracial, produzir narrativas unificadoras que legitimem a atual política externa é um enorme desafio. Mesmo que o público-alvo de algumas ações externas sejam os eleitores domésticos, é bem provável que a coalizão de grupos sociais que o elegeu não se sustente e se fragmente. Sobretudo se for considerado que o neoliberalismo econômico e a visão de mundo das atuais elites brasileiras dificilmente se coadunam com o conservadorismo internacional. O híbrido liberalismo-conservadorismo é capaz de modificar trajetórias políticas internas em um país, mas apresenta contradições que podem levar à formação de novos blocos governamentais e rearranjo de forças.

Entretanto, neste artigo, não buscou-se explicar os fatores que levaram à absorção tardia da ideia de choque de civilizações por parte do movimento conservador brasileiro. Isso exigiria compreender

as mudanças nas correlações de forças sociais internas ao Brasil<sup>6</sup>. O que aqui buscou-se demonstrar foi como a perspectiva de Bolsonaro e de seu chanceler mescla elementos civilizacionais, religiosos e culturais com uma compreensão da ordem liberal, das instituições e regimes internacionais pós-1945 como inadequados à defesa da civilização ocidental, da qual consideram o Brasil fazer parte.

## Referências

- ACHARYA, Amritav; BUZAN, Barry. **Non-Western International Relations Theory: perspectives on and beyond Asia**. Londres: Routledge, 2009.
- ALLISON, Graham T. Conceptual Models and the Cuban Missile Crisis. **The American Political Science Review**, Cambridge, v. 63, n. 3, p. 689-718, nov. 1969.
- APÓS deixar claro apoio a Macri, Bolsonaro afirma que 'jamais viria à Argentina falar sobre política'. **O Globo**, Rio de Janeiro, 7 jun. 2019b. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/apos-deixar-claro-apoio-macri-bolsonaro-afirma-que-jamais-iria-argentina-falar-sobre-politica-23723689>. Acesso em: 3 out. 2019.
- APÓS receber Araújo, ultranacionalista Salvini diz que Brasil e Itália estão em sintonia. **Opera Mundi**, Paris, 9 maio 2019a. Disponível em: <https://operamundi.uol.com.br/politica-e-economia/58412/apos-receber-araujo-ultranacionalista-salvini-diz-que-brasil-e-italia-estao-em-sintonia>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- ARAUJO, Ernesto. Os ignorantes e os instruídos; Viva a polarização; Liberdade religiosa, religião libertadora; O Brasil no barco de Ulisses; Sequestrar e perverter; A esquerda: de Robespierre ao PT; entre outros ensaios. **Metapolítica 17** (blog). Disponível em: <https://www.metapoliticabrasil.com/blog/?fbclid=IwAR2yJ9k5BJzaHGjjYrVwRdTNyX53DHT1Ng6e4MtnV-sA1xvD-MloWv84hMU>. Acesso em: 01 out. 2019.
- BOLSONARO, Jair. Leia a íntegra do discurso de Bolsonaro na cerimônia de posse no Congresso. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 1 jan. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/01/leia-a-integra-do-discurso-de-bolsonaro-na-cerimonia-de-posse-no-congresso.shtml>. Acesso em: 16 abr. 2019.
- BULLA, Beatriz. Encontros prévios a reunião de aniversário da OTAN não têm menções ao Brasil. **Estadão**, Washington, 3 abr. 2019. Disponível em: <https://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,encontros-previos-a-reuniao-de-aniversario-da-otan-nao-tem-mencoes-ao-brasil,70002777356>. Acesso em: 11 jun. 2019.

6 Por exemplo, sugere-se aqui pesquisas que identifiquem como movimentos ascendentes em termos religiosos no Brasil estiveram associados a elementos estrangeiros nas últimas décadas.

- CARNEIRO, Júlia Dias. Governo Bolsonaro: a aproximação entre presidente brasileiro e Israel pode afetar o mercado bilionário de carne halal no Brasil? **BBC News Brasil**, Rio de Janeiro, 30 mar. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-47748317>. Acesso em: 03 mai. 2019.
- CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal**. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.
- DUCHIADE, André. Frente Evangélica apoia Israel pela por crença no Apocalipse e na volta de Cristo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 6 jan. 2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/mundo/frente-evangelica-apoia-israel-por-crenca-no-apocalipse-na-volta-de-cristo-23348539>. Acesso em: 17 abr. 2019.
- EM SEU DISCURSO em Davos, Bolsonaro diz que seu compromisso é abrir a economia. **Globo**, 22.jan.2019. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/economia/em-discursso-em-davos-bolsonaro-diz-que-seu-compromisso-abrir-economia-23391961>. Acesso em: 20 set. 2019.
- EM VIAGEM à Europa, Araújo reforça relações com a extrema direita. **Exame**, [S. l.], 9 mai. 2019. Disponível em: <https://exame.abril.com.br/brasil/em-viagem-a-europa-araujo-reforca-relacoes-com-a-extrema-direita/>. Acesso em: 11 jun. 2019.
- FIGUEIRA, Ariane Roder. **Introdução à análise de política externa**. São Paulo: Saraiva, 2011.
- FUKUYAMA, Francis. **The End of History and the Last Man**. Nova York: Simon&Schuster, 1992.
- GUIMÓN, Pablo. Com discurso isolacionista na ONU, Bolsonaro estende ponte apenas a Trump. **El País**, Nova York, 25 set. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/internacional/1569346309\\_554039.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/09/24/internacional/1569346309_554039.html). Acesso em: 3 out. 2019.
- HUNTINGTON, Samuel P. **The Clash of Civilizations and the Remaking of World Order**. Nova York: Simon & Schuster, 1996.
- IDEIA de moeda única no Mercosul faz barulho, mas não gera eco no mercado. **El País**, São Paulo, 7 jun. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/politica/1559925827\\_156842.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/06/07/politica/1559925827_156842.html). Acesso em: 03 out. 2019.
- IKENBERRY, John. The end of liberal international order? **International Affairs**, Londres, v. 94, n.1, p. 7–23, jan. 2018.
- KUPCHAN, Charles. **No one's world: the West, the rising rest and the coming global turn**. Nova Iorque e Oxford: Oxford University Press, 2012.
- LIVRE comércio com os EUA? Por que um acordo Bolsonaro-Trump é mais complicado do que parece. **BBC**, São Paulo, 3 ago. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49213612>. Acesso em: 3 out. 2019.
- MACRON diz que Bolsonaro mentiu e se opõe a acordo com Mercosul. **Deutsche Welle**, [S.l.] 23 ago. 2019. Disponível em: <https://www.dw.com/pt-br/macron-diz-que-bolsonaro-mentiu-e-se-op%C3%B5e-a-acordo-com-mercosul/a-50140771>. Acesso em: 3 out. 2019.
- MARS, A. GORTÁZAR, N. G. Bolsonaro ganha de Trump apoio para OCDE, aceno à OTAN e um banho de ideologia. **El País**, Washington D.C. e São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/politica/1553011412\\_470388.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/politica/1553011412_470388.html). Acesso em: 11 jun. 2019.
- MEARSHEIMER, John J. **The rise and fall of the Liberal International Order**. Chicago: University of Chicago Press, 2018.
- O JOGO de risco de Bolsonaro com a Argentina. **El País**, São Paulo, 13 ago. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/13/politica/1565648174\\_394924.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/08/13/politica/1565648174_394924.html). Acesso em: 3 out. 2019.
- OLIVEIRA, Regiane. Bolsonaro e Trump em análise: concessões brasileiras, chancela e ganhos políticos. **El País**, São Paulo, 19 mar. 2019. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/politica/1553031485\\_648194.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/03/19/politica/1553031485_648194.html). Acesso em: 11 jun. 2019.
- PARCERIA Brasil-Israel, que beneficiará Nordeste, está bem encaminhada, diz Bolsonaro. **Reuters**, São Paulo, 25 dez. 2018. Disponível em: <https://br.reuters.com/article/topNews/idBRKCN10O0RG-OBRTPT>. Acesso em: 03 mai. 2019.
- SANCHES, Mariana. Bolsonaro na ONU: Das palmas irônicas de Merkel ao elogio de Trump, as reações ao discurso do presidente brasileiro. **BBC**, Nova York, 24 set. 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-49818535>. Acesso em: 3 out. 2019.
- SCHUQUEL, Thayna. Bolsonaro dá missão a Mourão: coordenar relações com 3 países. **Metrópoles**, [S.l.], 21 fev. 2019. Disponível em: <https://www.metropoles.com/brasil/politica-br/bolsonaro-da-missao-a-mourao-coordenar-relacao-bilateral-com-3-paises>. Acesso em: 13 jun. 2019.
- SOARES DE LIMA, Maria Regina; ALBUQUERQUE, Mariana. O estilo Bolsonaro de governar e a política externa. **Bolletim OPSA – Observatório Político Sul-Americano**, n. 1, jan/mar. 2019.
- STUENKEL, Oliver. Fiasco da viagem a Israel é só um sinal do que virá na política externa brasileira. **El País**, [S.l.], 8 abr. 2019a. Disponível em: [https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/opinion/1554743344\\_870885.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2019/04/08/opinion/1554743344_870885.html). Acesso em: 17 abr. 2019a.
- STUENKEL, Oliver. Aposta de alto risco. **Revista Piauí**, [S.l.], 21 mar. 2019b. Disponível em: <https://piaui.folha.uol.com.br/aposta-de-alto-risco/>. Acesso em: 11 jun. 2019b.
- STUENKEL, Oliver. **Post-Western World: how emerging powers are remaking global order**. Malden: Polity Press, 2016.
- TRIBUNAL SUPERIOR ELEITORAL (2018). Propostas de governo dos candidatos ao cargo de Presidente da República: Brasil acima de tudo, Deus acima de todos. Disponível em: [http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta\\_1534284632231.pdf](http://divulgacandcontas.tse.jus.br/candidaturas/oficial/2018/BR/BR/2022802018/280000614517/proposta_1534284632231.pdf). Acesso em 16 abr. 2019.
- XI reúne-se com vice-presidente brasileiro. **Xinhua News**, Pequim, 24 mai. 2019. Disponível em: [http://portuguese.xinhuanet.com/2019-05/25/c\\_138087118.htm](http://portuguese.xinhuanet.com/2019-05/25/c_138087118.htm). Acesso em: 11 jun. 2019.